

ÍNDICE

ATO PRIMEIRO:	6
ATO SEGUNDO:	25
ATO TERCEIRO:	43
ATO QUARTO:	56
ATO QUINTO:	72

RACINE



FEDRA

Tradução de
Mendo Trigo

FEDRA

ATORES

TESEU, filho de Egeu, rei de Atenas,

FEDRA, mulher de Teseu, filha de Mimos e de Pasifa.

HIPÓLITO, filho de Teseu, e de Antíope, rainha das Amazonas.

ARÍCIA, Princesa do sangue real de Atenas.

ENONE, ama e confidente de Fedra.

TERAMENE, aio de Hipólito.

ISMENE, confidente de Arícia.

PANOPE, mulher do acompanhamento de Fedra,
GUARDAS.

A cena é em Trezene, cidade do Peloponeso.

ATO PRIMEIRO

CENA I

HIPÓLITO, TERAMENE

HIPÓLITO

Resolvi, caro Teramene, eu parto,
Deixo a grata morada de Trezene.
Na mortal incerteza, que me agita,
Começo do ócio meu a envergonhar-me:
Separado de um pai mais de seis meses,
Ignoro o seu destino; e mesmo ignoro
Que lugares mo podem ter oculto.

TERAMENE

Em que lugares pois ides buscá-lo?
Já por satisfazer vossos temores,
Corri os mares que Corinto corta.
Pedi Teseu aos povos dessas margens
Onde entre os mortos vai perder-se o Aqu'ronte.
A Élide passei, deixando o Ténaro,
Cheguei ao mar que viu d'Ícaro a queda.
Fundado em nova esp'rança, em qu'outros climas
Credes pois descobrir os seus vestígios?
Quem sabe mesmo se da sua ausência

O mistério Teseu quer ter oculto?
E se, enquanto trememos por seus dias,
Tranqüilo, e recatando amores novos,
O herói espera que abusada amante...

HIPÓLITO

Teramene! não mais, Teseu respeita.
Dos erros juvenis arrependido,
Não lhe fazem estorvo indignos laços;
E fixando a inconstância de seus votos,
Há muito que rival Fedra não teme.
Enfim cumpro um dever indo buscá-lo,
Fujo lugares, que mais ver não ousou.

TERAMENE

Ah! dês quando, Senhor, temeis a vista
Duma terra tão cara à vossa infância,
E cuja habitação tanto antepúnheis
Ao tumulto d'Atenas e da corte?
Que p'riço, ou pena dela vos expulsa?

HIPÓLITO

Esse tempo feliz já não existe.
Tudo a face mudou, desde que a filha
De Minos e Pasifa os céus nos deram.

TERAMENE

Entendo: a causa sei de vossas mágoas.
Fedra não vos apraz, não podeis vê-la.
Cruel madrasta, apenas vos conhece,

Que emprega o valimento em desterrar-vos;
Porém esse ódio, que vos tinha outrora,
Diminuiu, ou se apagou de todo.
E que p'rigos enfim pode buscar-vos
Moribunda mulher, que a morte chama?
De ocultos males Fedra lacerada,
Pesando a si, e a vida aborrecendo,
Pode ela contra vós formar desígnios?

HIPÓLITO

A sua inimizade vã não temo.
Ausentando-me, fujo outra inimiga.
Fujo, eu to confesso, Arícia, resto
Dum fatal sangue contra nós jurado.

TERAMENE

Quê! persegui-la-eis, senhor, vós mesmo?
A sobrinha d'Egeu jamais manchou-se
Dos pérfidos irmãos nas negras tramas?
Podeis nela odiar singelas graças?

HIPÓLITO

Se acaso a aborrecesse, eu não fugira.

TERAMENE

Permiti-me que explique a vossa fuga?
Já não serieis o soberbo Hipólito,
D'amor duro inimigo, e desse jugo
Que Teseu tem sofrido tantas vezes?
Queria por fim justificá-lo

Vênus, por vosso orgulho desprezada?
Pondo-vos ao nível cos outros homens,
Forçou-vos a incensar as suas aras?
Amaríeis, senhor?

HIPÓLITO

Qu'ousas dizer-me?
Tu, que dês que eu respiro me conheces,
Podes querer que eu desminta os sentimentos
Dum coração altivo, e desdenhoso?
Pouco era que em seu leite uma amazona
Mãe, me desse a beber tão raro orgulho;
Tendo chegado a mais maduros anos,
Apenas tal me vi, dele me aplaudo.
A mim ligado por sincero zelo,
Tu me contavas de meu pai a história.
Sabes quanto minha alma, sempre atenta,
Se dilatava ouvindo seus triunfos;
Quando pintavas este herói intrépido,
Consolando os mortais da ausência d'Hércules,
Sufocados os monstros, e os malvados,
Procrusto, Cercião, Círon, Sinis,
Do epidáurio gigante ossos dispersos,
Do minotauro o sangue inda fumante.
Mas se empresas narravas menos belas,
Sua fé em sítios mil dada, e aceita;
Roubada a seus pais Helena em Esparta;
Peribéia chorando em Salamina;
Mil outras, cujos nomes lhe esqueceram,
Crédulas, que enganou com seus amores;

Contando às rochas crimes seus Ariadne;
Fedra roubada com melhor auspício;
Lembrar-te-ás que escutando-te com custo,
A parar muitas vezes te obrigava.
Feliz eu, se apagasse da lembrança
Essa indigna porção da ilustre história!
E eu mesmo, à minha vez, ver-me-ia preso!
Até tal ponto hão-de humilhar-me os deuses!
Tanto, mais que Teseu, m'envilecera,
Quantas são as proezas que o desculpam,
E que inda monstro algum por mim domado
O direito me dá de errar como ele?
Mas quando esta altivez possa abrandar-se,
Escolheria Arícia pra vencê-la?
À minha razão louca não lembrara
O que nos separou obstáç'lo eterno?
Reprova-a meu pai; por leis severas
Dar sucessão a seus irmãos proíbe.
Teme a vergôntea de um culpado tronco;
Com sua irmã quer sepultar seu nome;
E que em sua tutela, até que morra,
Não se lhe acendam d'Himeneu os fachos.
Contra um irado pai devo ampará-la?
Devo dar este exemplo temerário?
Sujeito a louco amor em tenros anos...

TERAMENE

Ah senhor! uma vez chegado o instante,
Não se informam os céus das razões nossas.
Teseu, querendo-os fechar, vos abre os olhos;

Nutrindo o ódio seu chama rebelde,
Dá à sua inimiga encantos novos.
Enfim, dum casto amor pra que aterrar-vos?
Pra que vos esquivais, se tem doçuras?
Sempre creereis terríficos escrúpulos?
Temeis não acertar seguindo a Hércules?
Que peitos varonis não domou Vênus?
Vós, que ousais combatê-la, existiríeis,
Se Antíope rebelde a seus ditames,
Por Teseu em amor não se abrasasse?
Mas que serve afetar grãos sentimentos?
Confessai, tudo muda, há vários dias
Que menos vezes orgulhoso, e agreste
Fazeis voar o carro sobre a área,
Ou, perito nas artes de Netuno,
Dócil tornais indômito ginete.
Fazemos menos retumbar os bosques.
Secreto fogo vos oprime os olhos.
Já não duvido: amais, ardeis de amores;
Dissimulado mal vos vai finando.
Soube agradar-vos a formosa Arícia?

HIPÓLITO

Vou procurar meu pai, deixa que parta.

TERAMENE

Mas antes de partir, não vereis Fedra?

HIPÓLITO

Fazê-lo intento, podés preveni-la.

Pois mo manda o dever, cumpre falar-lhe.
Porém que novo mal turba sua ama?

CENA II

HIPÓLITO, ENONE, TERAMENE

ENONE

Ah! que aflição, senhor, iguala a minha?
Quase toca a rainha o fatal termo.
Passo em vão dia e noite a vigiá-la,
Dum mal, que oculta, morre entre meus braços.
Reina eterna desord'em seus sentidos.
Frenético pesar do leito a arranca.
Quer ver o dia; e sua dor profunda
Me manda, diga a todos se retirem...
Ela chega.

HIPÓLITO

Isto basta; só a deixo;
Dum aspecto odioso vou livrá-la.

CENA III

FEDRA, ENONE

FEDRA

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

